

Conclusão

O tema da “expropriação do esquematismo”, proposto por Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, não é estranho à filosofia do próprio Kant. Mesmo não tendo se referido à usurpação do esquematismo por instâncias sociais, como fizeram os autores, uma vez que Kant trata o esquematismo apenas no seu uso transcendental, pode-se considerar que há, de sua parte, uma denúncia da exploração da consciência de muitos como um artifício para manter o poder de uns poucos. É claro que os “inimigos” de Kant não são nem as grandes corporações do ramo da indústria cultural e nem os nazifascistas da época de Adorno e Horkheimer, mas são, sobretudo, o clero e os legisladores. Uma das preocupações de Kant era em relação ao que ele chama de pensamento tutelado. No seu texto “Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento?”, ele considera que os tutores lançam mão de fórmulas e preceitos com o intuito de impedir que, aqueles que estão sob sua tutela, possam pensar com autonomia. Nesse sentido, os tutores se encarregam de realizar o trabalho categorial, tão fundamental para o processo de conhecimento, de cada um. Por isso, Kant exorta os seus contemporâneos com um “*Sapere aude!*”. Pensar por própria conta e risco é algo que demanda um desempenho e um esforço individuais e Kant acredita que os seus contemporâneos estão muito mais suscetíveis de serem expropriados de sua consciência por serem covardes ou preguiçosos, do que, como pensam Adorno e Horkheimer, por serem coagidos desde a infância por mecanismos que exercem, mesmo que seja por uma força inconsciente, como por exemplo, a propaganda, tal expropriação.

Os tutores são aqueles que fornecem os exemplos que orientam as ações dos tutelados. Os tutelados são considerados como menores – ou como menores de idade -, pois tal caracterização diz respeito justamente ao fato de que, sob a influência dos tutores, os tutelados não conseguem pensar por conta própria. Nesse sentido, há uma aproximação entre o pensamento de Kant e o dos autores, que consideram que a indústria cultural, que também explora a consciência de muitos, utiliza como meio para isso, produtos que infantilizam e que exigem, para a sua compreensão, que os seus consumidores tenham o nível intelectual de uma criança. A força do exemplo é muito grande, a ponto de, segundo os autores, ouvir-se dizer por aí que a vida feliz seria possível se todos tomassem como exemplo a vida das celebridades. O nefasto neste esquema é que a vida “feliz” das celebridades é um dos mecanismos utilizados para manter a vida infeliz de todos. Nesse sentido, Kant – como também, num certo sentido, Adorno e Horkheimer - critica a imitação, o comportamento mimético, como algo que impede a formação de indivíduos autônomos.

A doutrina do esquematismo, em Kant, aponta pelas condições sob as quais é possível, pelo menos do ponto de vista transcendental, conferir significado às coisas. O seu uso na *Crítica da Razão Pura* restringe-se meramente às condições sob as quais é possível constituir o objeto para o sujeito transcendental. Num sentido mais geral, a doutrina do esquematismo é apropriada de Kant por Adorno e Horkheimer que, no sentido de ampliar o seu alcance, a utilizam, por um lado, para apontar o modo pelo qual se forma a percepção na época do capitalismo tardio e, por outro lado, para aclarar o modo como o objeto percebido orienta o pensamento e o comportamento dos indivíduos.

O problema da autonomia do pensamento é um tema tratado em todos os capítulos da *Dialética do Esclarecimento*. Mais propriamente nos capítulos sobre a indústria cultural e os elementos do anti-semitismo, fica muito claro que sob a influência dos gestores do capitalismo tardio, quer sejam os meios de comunicação de massa ou o partido fascista, o que se pretende é eliminar o sujeito pensante. Não é por outra razão que Adorno e Horkheimer consideram que a expropriação do esquematismo é o primeiro serviço prestado pela indústria cultural aos seus clientes. Nesse sentido, pode-se pensar que a propaganda fascista lança mão dos mesmos mecanismos utilizados pela indústria cultural para garantir a adesão das massas ao seu propósito. De fato, não há muita diferença entre o modo como essas instâncias expropriadoras se encarregam de tutelar as pessoas, uma vez que ambas são frutos do capitalismo tardio. O culto das celebridades e a ordenação do mundo são exemplos evidentes dessa aproximação. Em ambos os casos, tais mecanismos buscam dar um sentido para a realidade que, de outro modo, apresenta-se, *a priori*, sem nenhum sentido.

No capítulo sobre a indústria cultural, demonstrou-se que tal indústria expropria das pessoas a sua capacidade natural de esquematizar. O recurso utilizado para alcançar tal intento é fornecer como esquema, representações estereotipadas da realidade, clichês ou imagens repletas de um significado retrógrado com o intuito de padronizar e direcionar o comportamento e a percepção das pessoas. Uma vez que ela pretende com isso dar um sentido para a realidade, a adesão das pessoas a esse sistema é algo atual e inquestionável.

No terceiro capítulo, os conceitos freudianos de identificação e projeção são considerados como correlatos do conceito kantiano de esquematismo. Nesse caso, a psicanálise é requisitada pelos autores como uma forma de demonstrar que os processos históricos, ao contrário do que pretendia Kant, determinam o nosso processo cognitivo. Para explicar o modo como o anti-semita se relaciona patologicamente com a realidade, demonstrou-se que a expropriação do esquematismo, sobretudo pela propaganda fascista, corresponde a uma degeneração do comportamento mimético numa mimese organizada e, da projeção, numa falsa projeção. Em ambos os casos, o juízo, o pensamento refletido, é substituído pela paranóia. Esse “defeito” no processo esquematizante, a paranóia, é a chave para a explicação do comportamento anti-semita.

Mesmo consideradas as diferenças de registro e aplicação, a doutrina do esquematismo constitui-se como um elemento fundamental para uma melhor compreensão da argumentação da *Dialética do Esclarecimento*. A sua leitura pela via do esquematismo pode fornecer uma espécie de amarração daqueles aspectos da obra que aparentemente estão desconexos, dada à forma fragmentada de sua escrita. A leitura da obra por essa via nos abre uma outra perspectiva de interpretação e nos faz considerar que, se nos nossos dias, os mecanismos de expropriação do esquematismo tornaram-se cada vez mais eficazes, a *Dialética do Esclarecimento* mantém-se cada vez mais atual e a sua leitura cada vez mais urgente.